

“Gorda, sim! Maravilhosa, também!”: corpo, desejo e autenticidade em testemunhos de vítimas de gordofobia no *YouTube*

Paulo Vaz¹
Nicole Sanchotene²
Amanda Santos³

Resumo: Este trabalho propõe analisar quais as condições e implicações da consolidação da gordofobia como uma pauta social contemporânea. Como suporte empírico, foram escolhidos três canais no *YouTube* de mulheres que narram suas experiências como vítimas de gordofobia. A partir dos vídeos, o artigo propõe pensar o corpo gordo como uma forma de identidade num contexto social que reverencia tanto a magreza quanto a autenticidade. Será discutido como as noções de empoderamento e autoestima presentes nestes discursos reforçam aspectos da moralidade contemporânea. Ainda, refletir sobre como estes testemunhos no espaço público participam da produção da subjetividade da vítima de preconceito, constituindo-se a partir da experiência de ressentimento. Por fim, sugerir que estas narrativas autobiográficas, embora questionem os padrões estéticos que orientam o desejo ao corpo magro, funcionam como um meio de os indivíduos se constituírem enquanto desejáveis porque autênticos, adequando-se a outra regra moral vigente.

Palavras-chave: autoestima; corpo; sofrimento; desejo; autenticidade.

Abstract: This paper proposes to analyze the conditions and implications of the consolidation of fatphobia as a contemporary social agenda. As empirical support, three YouTube channels from women who give accounts of their experiences as fatphobia victims were chosen. From the videos, the article suggests the fat body as a form of identity in a social context that venerates both thinness and authenticity. It will be discussed how the notions of empowerment and self-esteem in these narratives reinforce certain aspects of contemporary morality. Moreover, it will be argued that these testimonies in the media are part of the victim's subjectivity, building up from the experience of resentment. Finally, we suggest that these autobiographical narratives, although they question the beauty standards, also work as a means for the individuals to constitute themselves as authentic and desirable, fitting another existing moral rule.

Keywords: self-esteem; body; suffering; desire; authenticity.

¹ Professor Adjunto da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Email: <paulovaz.ufrj@gmail.com>.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: <freire.nicole@gmail.com>.

³ Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: <amandasantos94@gmail.com>.

Entre a moral da boa forma e a moral da autenticidade

Uma busca no Google pelo termo “gordofobia” até dezembro de 2009 encontraria menos de 800 resultados. Entre janeiro de 2010 e dezembro de 2013, esse número subiu para perto de oito mil resultados. Para o mesmo intervalo de tempo, a busca entre janeiro de 2014 até dezembro de 2017 retornou um total de quase 50 mil resultados. Como explicar tal diferença? Acreditamos que há uma relação entre a expansão do discurso sobre gordofobia na mídia nos últimos anos e a moralidade contemporânea.

Gordofobia significa, em linhas gerais, aversão à gordura. Uma aversão que se manifesta, por um lado, no desprezo direcionado às pessoas consideradas gordas; por outro lado, se traduz pelo sentimento de pavor que os sujeitos contemporâneos possuem de engordar ou, se gordos, pela tristeza que experimentam devido à sua condição física. Vigarello (2012, p. 321) observou que no interior das sociedades ocidentais contemporâneas a figura do gordo é aquela a ser evitada. Com ironia, afirmou que “a obesidade passou a ser uma ‘ameaça sanitária’, uma epidemia que se alastra rastejante, dissimulada, um ‘flagelo’ planetário”.

Seguindo este raciocínio, o gordo parece ocupar um lugar similar ao que já foi, anteriormente, o do “anormal” descrito por Foucault (1988), uma vez que ambos são identidades que incorporam simultaneamente norma científica, valor moral e perigo social. Ao mesmo tempo em que separam os indivíduos hierarquicamente entre si (por exemplo, entre pessoas gordas e magras), essas categorias instauram também uma separação entre corpo e consciência no interior de cada indivíduo, pelo medo daquilo que alguém pode vir a ser, caso não seja capaz de controlar seus desejos. Entretanto, é necessário marcar que existe uma diferença entre o temor da anormalidade no período moderno e a estigmatização dos indivíduos gordos no contemporâneo: no segundo caso, trata-se de um preconceito que se desdobra sobre a forma do corpo, apenas, e não sobre o desejo angustiado de realizar algum desvio de comportamento, como era o caso da homossexualidade e da loucura.

Nesta dinâmica que celebra corpos magros e despreza qualquer vestígio de uma forma física que desvie desse modelo, como explicar a popularização

de testemunhos de pessoas gordas na mídia? Ao que parece, a consolidação da autenticidade [1] como valor moral pode nos fornecer pistas. Segundo este valor, “não devo encaixar minha vida às demandas de conformidade externa”, sendo assim fiel a mim mesmo e à minha própria originalidade (TAYLOR, 2010, p. 39). Esta narrativa de autorrealização implica uma atitude de autonomia em relação ao julgamento externo, um sentimento de satisfação interior desligado das expectativas sociais: o que os outros pensam de mim não deveria afetar a forma como eu me sinto sobre mim mesmo. Uma atitude de autenticidade sobretudo em relação ao juízo do outro.

Segundo esse ideal de autenticidade, os padrões estéticos devem ser rejeitados, uma vez que se constituem como parte das regras impostas sobre o indivíduo pela sociedade, regras às quais não devo me conformar caso deseje ser autêntico. Neste sentido, ao invés de tentar me adequar, devo “aceitar quem sou”, pensamento que seria crucial para a elevação da autoestima. Justamente por causa deste nexos entre autenticidade e autoestima, “a necessidade de ‘amar a si mesmo’ jamais pareceu tão premente” quanto nos dias de hoje (FREIRE FILHO, 2011, p. 718). Ao mesmo tempo, nunca seríamos tão autênticos quanto nas ocasiões em que teríamos sido vítimas de preconceito [2], mas depois superado, “dado a volta por cima”. A narrativa terapêutica que propõe um nexos entre sofrimento, empoderamento e autoestima constitui, enfim, uma certa ideia de autenticidade.

Acreditamos, portanto, que a expansão do número de relatos de vítimas de preconceito e gordofobia na mídia é resultado de tensões e ajustes entre estes dois fortes imperativos morais contemporâneos: “seja magro, seja saudável, seja desejável aos olhos dos outros” *versus* “seja quem você é, seja autêntico, não se importe com a opinião alheia”. Frisando a dimensão do bem-estar mental, cada vez mais pessoas vêm ao espaço público para narrar suas experiências, responsabilizando a gordofobia e a pressão social pelos seus diversos sofrimentos – e se mostrando autênticas nesse desafio. O crescimento da presença destas narrativas nos meios de comunicação “confirma a que ponto [a moralidade] mudou da acusação para o autotestemunho, da estigmatização para a vitimização” (VIGARELLO, 2012, p. 318). A acusação externa sobre o gordo como alguém que, além de doente, é moralmente responsável pela sua condição dá lugar aos relatos

autobiográficos sobre a experiência de sofrimento causada pelo preconceito daqueles que o acusam.

Para pensar como sintoma desta dinâmica cultural, selecionamos fragmentos de vídeos dos canais “Tá Querida”, de Luiza Junqueira, “Alexandris-mos”, de Alexandra Gurgel e “Gorda de Boa”, de Jéssica Tauane. Neles, as *youtubers* narram suas experiências pessoais e abordam temas como preconceito, amor-próprio, aceitação de si e empoderamento feminino. Tentaremos explorar o lugar do corpo, da autoestima, do preconceito e do ressentimento nestas narrativas autobiográficas sobre gordofobia no *YouTube* para refletir, sobretudo, se esses testemunhos possibilitam de fato questionar nossa cultura. Mais do que simplesmente apreender estes testemunhos como sintomas de uma nova moralidade, percebemos que este discurso torna disponíveis no espaço público formas inéditas de dar sentido aos sofrimentos e às angústias de indivíduos comuns, assim participando da produção da subjetividade da vítima.

Corpo: identidade e discursos

Segundo Paula Sibilia (2010), as sociedades ocidentais contemporâneas são marcadas pelo culto ao corpo, pela idolatria de suas formas e aparências. Nem todos os corpos, entretanto, suscitariam tal reverência ou seriam dignos de adoração:

O culto ao corpo da sociedade contemporânea é, na verdade, um culto a certo tipo de corpo. [...] Somente esses corpos singularmente agraciados, além de sarados e malhados com cotidiano rigor, conseguem projetar seu brilho nos pódios da mídia e inspiram o arroubo de todos os demais (SIBILIA, 2010, p. 198).

Estaríamos vivendo, portanto, o imperativo da boa forma, no qual predominam rígidos padrões estéticos que determinam uma devoção impetuosa na busca pelo corpo perfeito. O necessário efeito colateral desta moral que enaltece os corpos magros é a abjeção aos corpos flácidos: a chamada lipofobia, ou gordofobia – a aversão estética e censura moral aos aspectos físicos e comportamentais associados à gordura (SIBILIA, 2010, p. 201).

Neste cenário, somos levados a refletir sobre as possíveis relações de identificação com o corpo, gordo ou magro, e seus significados sociais. A centralidade do corpo para a construção da identidade do indivíduo contemporâneo – e, certamente, a relevância de constantemente expor para o restante da sociedade como se dá esta relação com o corpo – confirma que este é um capital físico, simbólico, econômico e social (GOLDENBERG, 2010, p. 9). O corpo assume o caráter de um “cogito corporal”, em que “penso, logo existo” é substituído por “sou o meu corpo” (VIGARELLO, 2012, p. 334).

É interessante notar que as três *youtubers* possuem diversos vídeos em que elas exibem suas tatuagens e compartilham histórias e significados dos desenhos – muitos dos quais remetem às suas experiências como vítimas de gordofobia. O que confirma que as tatuagens “quando voluntariamente adotadas, são formas de inscrever a sua autobiografia na superfície do corpo” (SCHILDKROUT, 2004, p. 338). Luiza Junqueira contou como a decisão de tatuar um coração em sua barriga veio como uma forma de marcar seu processo de aceitação e recuperação da autoestima: “Olhar pra baixo me fazia ter certeza de que eu era uma mulher fora do padrão. Só que depois eu passei por um longo processo de empoderamento [...], e, hoje em dia, eu me amo 100%. [...] Eu não odeio mais essa barriga, eu amo essa barriga!” [3].

Até a década de 1960, a tatuagem esteve restrita a grupos sociais marginalizados (criminosos, marinheiros, *punks* etc.) e era, portanto, símbolo de transgressão. Desde então, embora tenha se tornado paulatinamente uma prática popular associada à cultura de celebridades (SCHILDKROUT, 2004, p. 326), a tatuagem manteve o seu status cultural de rebeldia. É este lugar imaginário de resistência e singularidade que as personagens parecem querer ocupar quando exibem seus corpos tatuados. Alexandra Gurgel explica que sua tatuagem fez parte de um processo de libertação: “Pra mim é muito doido tatuar o braço, porque eu, quando eu não me aceitava, escondia meu braço. E eu já tirei de mim há muito tempo o meu preconceito contra o meu braço. Só que tatuar o braço, pra mim, é assinar mesmo no meu corpo como eu me libertei, sabe?” [4].

Nos relatos, a tatuagem aparece não apenas como inscrição deste processo de empoderamento e superação, mas também marca no corpo uma auto-

biografia de sofrimento e resistência. Jéssica Tauane conta que decidiu se tatuar após ser ofendida durante uma discussão na internet: “O cara me xingou, falou que eu era uma orca. Eu tenho problema com orca? Não tenho. Vou até tatuar uma orca aqui, que quando me chamarem de orca vou até mostrar que tem *pedigree* aqui, registrado, de família mesmo” [5]. Percebe-se, assim, um desejo de cultivar um status de desviante por meio da tatuagem, um investimento em sua identidade enquanto vítima que resiste a um preconceito.

Vigarello (2012, p. 335-337) sugere alguns nexos possíveis entre obesidade e identidade. Um deles é uma relação paradoxal de identidade entre o obeso e seu corpo: ele se identifica como tal, mas seu desejo de mudá-lo por vezes existe concomitantemente com o desejo de também não o fazer, porque esse mesmo corpo que faz com que o indivíduo se sinta infeliz é aquele que concede a ele uma identidade: “A infelicidade de se reconhecer num corpo depreciado e, em compensação, a evidência de ser nele o que se é e de reivindicar tal identidade” (VIGARELLO, 2012, p. 338). O discurso de Alexandra expõe este argumento:

Eu já fui magra por um tempo, mas eu me achei tão estranha no espelho que inconscientemente eu comecei a engordar, eu não me reconheci. Isso não quer dizer que eu não queira emagrecer. Todo mundo quer mudar alguma coisa no seu corpo. [6]

Desta maneira, o mesmo indivíduo que busca emagrecimento é capaz de se pensar a partir de uma identidade calcada no corpo gordo – identidade que, hoje, tem sido endossada por meio de discursos que se apoiam nas ideias de autoaceitação, empoderamento e cuidado com a autoestima. Essa identidade assumida pelo corpo gordo parece ser, ao mesmo tempo, um tipo de identidade socialmente valorizada – a da autêntica vítima de preconceito.

Embora a *youtuber* admita em sua fala a insistência do desejo de emagrecer, esse desejo seria desvalorizado por implicar adequação aos padrões estéticos dominantes. Como disse Luiza Junqueira: “Você tentar aprender a aceitar e amar o corpo que você tem certamente é muito mais eficiente do que qualquer tipo de procedimento estético que tem por aí no mercado” [7]. É irônico perceber que as tatuagens ostentadas pelas *youtubers*, embora também constituam modificações corporais, são vistas como expressão autêntica de suas vontades ao

invés de algo decorrente da pressão social. Essas falas evidenciam uma tensão do indivíduo na relação consigo e com o outro: embora se coloque o corpo como a expressão de uma verdade interior, o que constitui esse desejo dito autêntico de se transformar ou de se aceitar? O ato de tatuar o próprio corpo não seria também um modo de tornar-se mais desejável ou atraente, uma adequação aos valores morais e estéticos contemporâneos no interior do regime da autenticidade? Certamente, faz-se a mudança – de corpo ou de atitude – porque, em alguma instância, busca-se atender a algum tipo de demanda da sociedade. Não há modificação corporal dissociada da experiência social (SANCHOTENE, 2018, p. 94).

Se esse discurso de empoderamento promove o questionamento do padrão estético da nossa cultura, por outro lado, ele reforça outros dois aspectos da moralidade contemporânea: o dever de ser autêntico e o de expressar no corpo esta suposta autenticidade. Aquilo que aparenta ser questionamento e distanciamento em relação ao lugar comum pode ser, na verdade, a afirmação de outros imperativos morais contemporâneos, tão impositivos quanto aqueles contra os quais se acredita lutar. Revela-se que estas narrativas ainda pertencem a uma retórica hegemônica, porque “a moralização não se dá apenas pela imposição de uma forma corporal” (SANCHOTENE, 2018, p. 131).

Autoestima e empoderamento

A preocupação com a baixa autoestima é constantemente reiterada nos vídeos sobre gordofobia. O conceito de autoestima se tornou central na forma como indivíduos lidam com os seus infortúnios, explicam seus sucessos e fracassos e aconselham uns aos outros sobre como é possível melhorar suas vidas (HEWITT, 1998, p. 19). O orgulho e a autoconfiança passam a ser abertamente enaltecidos, em detrimento da humildade e da modéstia que antes teriam sido vistos como comportamentos moralmente superiores. Luiza Junqueira afirma: “Para mim, a forma mais fácil de você se tornar uma pessoa maravilhosa e autoconfiante é você pensar todas as coisas boas sobre você e assumir elas” [8]. Fica implícito que “ser uma pessoa maravilhosa” hoje é possuir uma alta autoestima.

Curiosamente, nessa cultura, ser uma pessoa autêntica e recuperar a própria autoestima parece ser o caminho recomendado para se tornar uma pessoa desejável aos olhos dos outros: se, por um lado, a silhueta esguia é atraente, por outro, e cada vez mais, performar uma personalidade supostamente única e singular se torna uma forma de despertar desejo; logo, o corpo gordo autêntico, que não se adequa aos parâmetros da magreza, também pode vir a ser considerado atraente. Embora uma premissa básica do discurso de combate à gordofobia seja a de não se importar com a opinião alheia, não querer agradar o outro, as narrativas de autoaceitação também giram em torno da capacidade do indivíduo se sentir atraente, apesar da sua forma física considerada “inadequada” ou preterida: “Sou gorda, sim! Maravilhosa, também!” [9], celebra Alexandra Gurgel.

Assim, apesar de recusarem os padrões estéticos dominantes, as personagens não abrem mão de um imperativo da beleza, frisando com frequência a importância de se sentirem belas e seguras quanto à própria aparência. A finalidade de adotar uma postura de autoconfiança e aceitar o próprio corpo seria, enfim, de despertar o desejo do outro. Como aconselhou Alexandra: “Acaba com esse discurso de ódio contra você mesma. [...] Todos os dias você se olha no espelho e você vai falar assim: ‘eu te amo’. Se você não se amar, quem vai te amar?” [10]. Consequentemente, observa-se que nesta cultura a exigência de autenticidade se generalizou de tal modo que

[...] dois lemas, aparentemente opostos, são incessantemente repetidos: o juízo dos outros não importa (quando estes se colocam no lugar daqueles que julgam e quer restringir as práticas de um indivíduo); só importa o juízo do outro (agora, no sentido de o indivíduo ser capaz de seduzir e atrair os outros) (VAZ, 2014, p. 43).

A importância dada à recuperação da autoestima é explicada pela crença atual de que a baixa autoestima estaria na origem de diversos comportamentos negativos, problemas sociais e patologias mentais como gravidez precoce, delinquência juvenil, desemprego, dificuldades afetivas, transtornos alimentares, depressão, timidez excessiva, ansiedade, dependência química etc. (HEWITT, 1998).

A adesão ao conceito de autoestima também parece estar ligada à sua capacidade de legitimar e justificar praticamente todos os comportamentos e de-

cisões tomados por um indivíduo. No caso da relação com o corpo, a autoestima pode ser usada de pretexto tanto para o indivíduo que escolhe se submeter a uma rotina de exercícios, dietas e procedimentos estéticos para melhorar a aparência e ser mais feliz, quanto para aquele que opta por rejeitar estes mesmos padrões de beleza, com a rotina que implicam, e aceitar o próprio corpo. Em nome da própria felicidade, cada vez mais, vale tudo.

De um modo ou de outro, a recuperação da autoestima é tida como algo socialmente desejável. Como parte de um processo que estas personagens chamam de empoderamento pessoal, a aceitação do próprio corpo seria garantia para uma vida mais feliz e realizada. Para Luiza Junqueira, “A vida fica muito mais fácil se você aprender a amar [...] e aceitar [seu corpo] do jeito que ele é” [11].

Alexandra Gurgel descreve empoderamento como uma consciência sobre si mesma e sobre a sociedade, atitude que tornaria possível a conquista de liberdade. Tornar-se empoderada, de acordo com ela, é “você sair na rua do jeito que você quiser, você usar a roupa que você quiser, você amar quem você quiser, você comer o que você quiser, você ter a profissão que você quiser” [12]. A singularidade do desejo parece se afirmar num lugar de visibilidade, reforçando a obrigação de performar esta identidade autêntica no espaço público, de modo a obter, paradoxalmente, a validação da opinião alheia – de que se é autêntico, não-conforme, livre. Alexandra também usa uma série de metáforas como “escalar a montanha do amor-próprio”, “encontrar a força para se reerguer”, “olhar para dentro de si e se descobrir”, entre outros slogans e conselhos usuais no discurso de autoajuda.

Essa conquista do empoderamento individual parece ser um feito passível de ser ensinado – de fato, também aqui pode haver trabalho sobre si, embora, claro, diferente dos exercícios físicos e regimes. É o que sugerem vídeos como “8 dicas para praticar o amor próprio já!” [13] e “5 passos para amar seu corpo” [14]. Para tanto, é preciso que haja uma reorientação individual das crenças sobre si, o que exige esforço e determinação – e não faltam dicas e fórmulas sobre como enfrentar esta jornada rumo ao amor-próprio: “Acabe com a autosabotagem”, “Pare de se esconder”, “Aprenda a dizer não”, “Pratique todos os dias o amor por você mesma”, “Declare sua independência” [15].

Inserido nestas narrativas terapêuticas, o empoderamento representa a superação de bloqueios na consciência que impediriam o sujeito de se realizar, e dependeria apenas de um trabalho do indivíduo sobre a sua própria subjetividade. Recuperar a autoestima e ser feliz depende apenas do esforço de cada um, como garante Luiza Junqueira ao narrar o seu processo de empoderamento:

Eu resolvi gravar esse vídeo pra vocês pra mostrar que eu não fui sempre essa pessoa com autoestima. E muita gente me manda mensagem falando “eu tenho inveja da sua autoestima”, “queria me amar da forma como você se ama” [...] Mas é possível! Eu também não me amava. Eu tinha uma autoestima muito, muito, muito baixa. [...] Eu tinha depressão, eu tinha muitos problemas... E eu consegui sair dessa sozinha. [16]

A expressão da autoestima – e de seu conceito gêmeo, a autenticidade – será considerada especialmente símbolo de virtude quando estiver associada à superação de algum obstáculo ou violência. Se em outros indivíduos o excesso de autoestima pode ser confundido com arrogância ou prepotência, nas vítimas ele será visto como prova de sua força interior. Isso explica por que “ao mesmo tempo que o discurso do individualismo triunfal e autoconfiante nunca foi tão disseminado e hegemônico, a demanda de expressar e praticar o próprio sofrimento [...] nunca foi tão estrídula” (ILLOUZ, 2011, p. 83). Apesar de frisar esta dimensão da responsabilidade individual na superação dos problemas pessoais, “a narrativa de autoajuda e realização é, intrinsecamente, uma narrativa da memória e da lembrança do sofrimento” (ILLOUZ, 2011, p. 80) – sofrimento esse que está ligado frequentemente a uma experiência de vitimização. Cabe pensar, portanto, qual a importância de se afirmar uma vítima de preconceito nesse tipo de narrativa autobiográfica e por que elas representam uma manifestação do ressentimento como forma de dar sentido aos sofrimentos no contemporâneo.

Narrativas de sofrimento e a produção de subjetividade da vítima

De acordo com Alexandra Gurgel, o sofrimento da mulher gorda decorre do fato de ela ser vítima de uma série de opressões na sociedade:

Ela não tem o direito de aproveitar as coisas simples da vida porque ela é julgada. E isso tudo porque ser gorda na sociedade é mal visto. É uma

ofensa [...] que uma mulher gorda seja feliz, que ela se aceite. Então, tudo é voltado para gerar insatisfação nessa mulher. [17]

Ao se afirmarem vítimas de gordofobia, as *youtubers* narram diversas experiências de sofrimento psicológico (pensamentos suicidas, relacionamentos abusivos, *bullying* na infância, sentimentos de inadequação, culpa por não conseguir emagrecer, ansiedade, depressão etc.) que são atribuídos ao fato de enfrentarem o preconceito cotidianamente (no transporte público, nas relações familiares, em consultas médicas, em lojas de roupa, nas redes sociais, em entrevistas de emprego, em relacionamentos amorosos etc.). Assim, podemos apontar três aspectos da moralidade contemporânea frequentes nas narrativas sobre gordofobia: a expressão pública do sofrimento psicológico, a denúncia de preconceito na sociedade e o testemunho de vitimização – articulados de modo a reforçar a autenticidade de quem narra. Juntos, estes três temas conformam as explicações que os indivíduos atribuem hoje para a existência de sofrimento.

Eu sempre vi o meu corpo, desde criança, como um corpo estranho. [...] eu achava que eu era errada. E isso influenciou na minha vida como um todo, até eu dar o primeiro beijo, até minha primeira vez... tudo isso pra mim foi mais difícil porque eu não me achava capaz. [...] Então eu passei por essa adolescência bem turbulenta, bem difícil, tive pensamentos suicidas. [18]

É corrente a ideia de que com o fim da Modernidade as antigas hierarquias e horizontes morais que organizavam a vida dos indivíduos até aquele momento entraram em crise e emergiu uma nova cultura baseada nos valores de igualdade, felicidade e autenticidade (TAYLOR, 2007; 2010). Os desejos e ambições individuais ganharam antecedência sobre os deveres e obrigações da vida em comunidade: ao invés de controlar seus impulsos e postergar a gratificação, internalizando as proibições de sua cultura na forma da culpa, o indivíduo contemporâneo é convocado a ser autêntico, presumidamente rejeitando as regras externamente impostas por sua sociedade e buscando o prazer aqui e agora. E é porque a felicidade passou a ser tida como algo da ordem do direito nas sociedades democráticas que

Todos aqueles que não puderam e não conseguiram realizar tal aspiração, supostamente prometida, à felicidade, passaram a sentir-se como vítimas de uma injustiça social. [...] Vale dizer, a disseminação do ressentimento e da vitimização na atualidade [...] delineia a outra cena do imperativo à felicidade (BIRMAN, 2010, p. 28).

Embora busquem promover conscientização acerca da exclusão social de pessoas gordas, certas narrativas sobre gordofobia podem favorecer este fenômeno de disseminação de ressentimento e vitimização na atualidade. Isto porque o ressentimento é uma “experiência continuamente renovada de impotente hostilidade [...] um conjunto de ‘sentimentos’ em que predominam o ódio, o desejo de vingança e, por outro lado, o sentimento, a experiência continuada da impotência [...] rancorosa” (ANSART, 2004, p. 15). O desejo de vingança se reflete no punitivismo que permeia certos discursos de vítima, e talvez esteja presente quando Alexandra Gurgel queixa-se quanto à gordofobia ainda não ser considerada um crime de ódio [19].

Tipicamente nas sociedades contemporâneas, sentimentos como rancor, ódio e desejo de vingança são repudiados socialmente. Portanto, a vítima, ao justificar seu ressentimento, precisa transformar aquilo que seria da ordem de uma ofensa pessoal numa injustiça, numa violação dos valores morais:

Se somos vítimas de indivíduos que nos prejudicam e ferem nossas liberdades, experimentamos e estimamos que estes indivíduos sejam malévolos, enquanto nós seríamos os bons. As forças que me são hostis são nefastas e perversas, enquanto eu próprio sou justo e inocente (ANSART, 2004, p. 21).

Pela valorização da liberdade e da autonomia individuais, pouco resta de moralmente condenável nas sociedades ocidentais contemporâneas, nas quais o único “pecado intolerável é a intolerância” (TAYLOR, 2007, p. 484). Por causa disso, os sofrimentos, ao serem atribuídos pelos indivíduos como consequências de preconceito e intolerância, serão enquadrados como socialmente relevantes e dignos de atenção e indignação, enquanto suas vítimas humilhadas irão gozar da superioridade moral atribuída àqueles que foram autênticos e enfrentaram os preconceituosos. Isso nos mostra o quanto “a cultura da vítima e a cultura da autenticidade andam de mãos dadas” (DAVIS, 2005, p. 262).

Muitas vítimas de gordofobia narram a experiência de terem, no passado, sentido vergonha por ser quem eram, pois acreditavam no juízo dos preconceituosos. Alexandra Gurgel conta: “É a pressão da sociedade. E é muito difícil você remar contra essa maré. [...] Eu só fui me aceitar, me reconhecer de verdade, me amar, ano passado. Alexandra, até 2015, era gordofóbica” [20].

Nota-se, assim, a predominância do sentimento de vergonha reflexiva, em que o indivíduo supera a vergonha que sentia anteriormente, afirma um renovado orgulho de si, ao mesmo tempo em que desafia e acusa aqueles que o julgaram. Cabe ser autêntico, “pensar diferente dos outros” [21] e perceber que “vergonha é ser preconceituoso com os outros [...] vergonha não é ser gordo” [22]. Desse modo, o indivíduo é levado a questionar menos a relação com os seus desejos em face do julgamento do outro. Ao contrário, por ser vítima de preconceito, é encorajado a adotar uma atitude positiva acerca de sua identidade, afirmando seus desejos e assim elevando a sua autoestima.

Uma cultura marcada pelo ressentimento, portanto, terá a presença hegemônica de histórias de violência e vitimização na mídia. Narrar o próprio sofrimento no espaço público traria, segundo os defensores da prática, ao menos dois benefícios: do ponto de vista terapêutico, seria positivo para a vítima, pois recupera a autoestima; além disso, ajudaria outros indivíduos “que ainda sofrem em silêncio” (VAZ, 2014, p. 42) a se reconhecerem como vítimas. Portanto, ao mesmo tempo em que refletem esta relação inédita com o sofrimento, estes testemunhos de vítimas de preconceito, uma vez no espaço público, serão parte da produção da subjetividade contemporânea ao promover a apropriação pela audiência de fragmentos narrativos que articulam preconceito no passado, presente de sofrimento e promessa de superação no futuro.

A vítima não é uma entidade real, mas sua figura é um quadro interpretativo, uma forma de interpretação causal singular para os sofrimentos e de produção do sofredor no contemporâneo. Ela representa “uma maneira de dar inteligibilidade ao sofrimento de segmentos sociais específicos [...] conferindo legitimidade moral às suas reivindicações” (SARTI, 2011, p. 54). A dor que a vítima experimenta é atribuída a um evento de violência em seu passado que teria resultado num trauma psíquico. Desde a publicação do DSM-III em 1980, o trau-

ma representa o impacto psicológico que, de todas as possíveis consequências de um evento, emerge como a mais evidente, duradora e irreversível (FASSIN; RECHTMAN, 2009, p. 2). Sem este conceito, não haveria ligação entre o sofrimento passado e o sofrimento presente, pois o sofrimento passado teria se esgotado no instante de sua ocorrência.

Na medida em que se nota uma expansão metonímica do que é considerado agressão em diversos campos [23], aumenta o número de pessoas capazes de estabelecer um nexos causal entre eventos passados e sofrimentos presentes e assim se constituírem como vítimas traumatizadas, dignas de compaixão. Em vários vídeos faz-se presente certo anseio por tornar, por meio dessa prática terapêutica de autoajuda virtual, cada vez mais mulheres sensíveis às experiências que elas próprias vivenciam e enfim se tornarem mulheres empoderadas ao se reconhecerem como vítimas de gordofobia. Jéssica Tauane afirma: “A grande vitória é perceber que a gente está atingindo muitas mulheres” [24].

Um indivíduo qualquer, exposto aos testemunhos de vitimização publicados na mídia, é convocado a ressignificar seus problemas por meio do discurso terapêutico. O conceito de gordofobia faz parte desta dinâmica ao afirmar que pessoas gordas sofreram preconceito, violências psicológicas, abusos emocionais e assaltos contra a sua autoestima cotidianamente e que esta é a causa de diversos tipos de sofrimentos psíquicos experimentados pelas vítimas no presente: sofro hoje porque fui vítima antes, e esse sofrimento era de uma tal ordem que continua a pesar no presente, fazendo-me sofrer de outros modos. Assim, esses testemunhos, ao atribuírem novos sentidos para experiências comuns, permitem que a audiência reinterprete o próprio passado e se aproprie da posição subjetiva da vítima de preconceito, hoje tão valorizada simbolicamente.

Cabe lembrar que esse esquema moral da vítima precisa necessariamente da figura de um perpetrador. Assumir a posição de vítima implica a constituição de uma identidade em necessária oposição a um antagonista, a um agressor imoral. Toda vítima “pensa sua identidade como negação de uma identidade negativa que ela inventou [...] estipulado como imoral e ameaçador” (VAZ, 2009, p. 55). Esta moralidade calcada na memória do sofrimento favorece uma atitude de vingança, e não de questionamento das regras sociais. Ao restringir a denúncia

apenas à imoralidade dos agressores e preconceituosos de modo a frisar a própria autonomia, perde-se o potencial crítico e de efetiva transformação social. Na busca por afirmar essa autenticidade acusatória da vítima, a superação prometida se resume ao aumento da autoestima individual, e não à abertura de futuro por meio da transformação das próprias crenças.

Considerações finais

Poucas mensagens são tão repetidas midiaticamente como a asserção de que as mulheres, principalmente, devem se manter em forma. Nesse sentido, não desconsideramos a pertinência do discurso antigordofobia. Em contrapartida, pela forma como vem se estruturando, embora se pense e se apresente como questionador da cultura contemporânea, este mesmo discurso inibe o questionamento de outros valores sociais hegemônicos. Aqueles que aderem a essa retórica não se permitem estabelecer uma distância em relação à moralidade da qual participam, porque se concebem de antemão como não-conformistas ao questionarem os padrões estéticos dominantes; deste modo, creem estar em posse da verdade autêntica, quando, de fato, reforçam o ideal vigente da autenticidade.

Por afirmarem a autoestima e o bem-estar subjetivo como valores maiores, esses testemunhos reforçam o discurso individualista contemporâneo do direito à felicidade, ao prazer e ao consumo das sociedades neoliberais. Aumentar a própria autoestima é concretamente ser mais livre? Ou, ao contrário, é confirmar tudo aquilo em que acreditamos e que não estamos dispostos a abrir mão? Ao que parece, esse tipo de narrativa confirma o triunfo da terapêutica de autoajuda, que coloca o trabalho da autoestima e da afirmação de autenticidade como empreendimentos individuais e como soluções para problemas de âmbito social. Assim, “sem se darem conta, sucumbem aos imperativos sociais no instante mesmo em que se imaginam fugindo deles” (BEZERRA JUNIOR, 2009, p. 40).

Mais do que incentivar o amor-próprio, porém, esses relatos promovem a adesão ao discurso da vítima e do ressentimento. O discurso sobre gordo-

fobia “manifesta uma nova maneira de ser, que é falar do seu sofrimento, senão de sua infelicidade” (VIGARELLO, 2012, p. 338). Ao frisar a autenticidade da vítima que supera a imoralidade dos preconceituosos, essa forma de explicar os sofrimentos se revela problemática porque, por mais que proponha uma retórica de superação, favorece que os indivíduos permaneçam em postura de dor, acusação e impotência. Assim, torna-se uma prática reiterativa da própria experiência de agressão e de sua identidade enquanto vítimas. Até porque talvez exista algum ganho secundário em ser uma vítima quando a autenticidade associada à experiência de sofrimento decorrente de preconceito é tida como forma de conquistar o desejo do outro e exercer atração.

Consequentemente, “a identidade estruturada por esse *ethos* se torna profundamente investida na sua própria impotência [...], alimentada pela experiência de humilhação [...] tenderá mais facilmente à punição e à censura de seus antagonistas” (BROWN, 1995, p. 403). Ao mesmo tempo, ao privilegiar a exposição midiática do sofrimento psicológico das vítimas, o determinismo emocional tem passado a agir sobre as representações de crime recentes (FUREDI, 2004, p. 30), fomentando a indignação diante dos agressores: “o trauma é afirmado como um princípio em nome do qual a indignação é expressada e legitimada” (FASSIN; RECHTMAN, 2009, p. 97). O modo de fazer política resultante deste discurso só pode ser um que privilegie a vingança e o punitivismo, ao invés da transformação social.

A análise destas narrativas serve para pensar o nexo entre vítima, autenticidade e desejo que é constituinte da moralidade contemporânea. Os testemunhos surgem como sintoma de um paradoxo dos nossos tempos: uma cultura que coloca como imperativo moral ser autêntico e livre. Dado que é improvável que todos os membros de uma sociedade contestem suas crenças, o questionamento só pode se dar em relação à figura de um presumido moralista a quem se pretende fazer oposição. Esse modo de discurso passa a fazer parte de uma estratégia de adequação às experiências socialmente limitadas de liberdade e autenticidade – porque não implicam o questionamento da moralidade vigente: ambigualmente, aparentar desdenhar de uma opinião alheia supostamente preconceituosa pode ser modo de se tornar um sujeito desejável.

Notas

[1] Segundo Taylor (2007, p. 475), a autenticidade emerge como ideal com o expressivismo Romântico no século XVIII. Porém, durante a Modernidade, esteve restrito às elites culturais, intelectuais e artísticas. O autor sugere que foi a partir da década de 1970 que a autenticidade se tornou um fenômeno de massa, conferindo “forma à aparência da sociedade em geral”.

[2] A vítima de preconceito é um desdobramento da ascensão política da figura da “vítima” a partir da segunda metade do século XX. Três grandes vetores são responsáveis pela ascensão: uma nova apreensão da criminalidade, a preocupação com a violência de Estado nas guerras e na tortura e, por fim, a criação pela psiquiatria norte-americana da categoria de stress pós-traumático em 1980. O que diferencia a vítima das figuras modernas do miserável, do proletário e do desviante é o modo de explicar o sofrimento, supondo sempre um agente humano como causador. Pela junção com o conceito de trauma, a vítima é modo de explicar o mal-estar, pois propõe que um dado indivíduo sofre agora por já ter sofrido, por ter sido vítima de uma violência intolerável, geradora de inúmeras consequências danosas.

[3] “Minhas tatuagens - Significado, Arrependimento e Autoestima”. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=Gp8QXmgfMas>. Acesso em: 4 ago. 2018

[4] “Fiz tatuagem de uma mulher gorda no braço”. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=az5u7hy_kkQ>. Acesso em: 4 ago. 2018.

[5] “Você é maravilhosa!!!”. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=ZLD2z-s1ULPs>. Acesso em: 4 ago. 2018.

[6] “Quando eu emagrecer... Tudo vai ser diferente”. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=hwH4e7YCmUo>. Acesso em: 4 ago. 2018.

[7] “Como amar suas estrias”. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=i8uyFyEYY-gY>. Acesso em: 4 ago. 2018.

[8] “Como ser maravilhosa”. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=qdqy9jG7v-F8&t=>>. Acesso em: 4 ago. 2018.

[9] “Resolvi emagrecer 50kg. Saiba como!”. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=zocx3HsEz_Y>. Acesso em: 4 ago. 2018.

[10] “*Body positive*: o que é o movimento + 4 dicas para se amar!” Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=iR9SYM3smOI&t=>>. Acesso em: 4 ago. 2018.

[11] “Roupas marcando as gordurinhas”. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=kIARUWob1hk>. Acesso em: 4 ago. 2018.

[12] “Dia 26: O que é empoderamento e como ser empoderada?”. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=6vnM3_LITMo>. Acesso em: 4 ago. 2018.

[13] “8 dicas para praticar o amor próprio já!”. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=3FkvpIVJB3U>>. Acesso em: 4 ago. 2018.

[14] “5 passos para amar seu corpo (independente do seu peso)”. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=KGhJflisWlU>>. Acesso em: 4 ago. 2018..

[15] “Maratona do Amor Próprio”. Disponível em: <www.youtube.com/playlist?lis>

t=PLTzAjoqhOji_rxLvO3JfXobRF960Y3Vs>I. Acesso em: 4 ago. 2018.

[16] “Meu vídeo secreto sobre dietas.” Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=-DR9AjSEQVbQ&t=>. Acesso em: 4 ago. 2018.

[17] “A solidão da mulher gorda é real”. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=r-C01h9GHGLI&t=>. Acesso em: 4 ago. 2018.

[18] “Você aceita o corpo que tem?” Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=rI-dWIFoERMY>. Acesso em: 4 ago. 2018.

[19] “Resposta ao Danilo Gentili #GordofobiaNãoÉPiada”. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=WTb-fxOMxoY&t=>. Acesso em: 4 ago. 2018.

[20] “Você aceita o corpo que tem?”. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=rI-dWIFoERMY>. Acesso em: 4 ago. 2018.

[21] “Ser gorda e lidar com família, sexo e moda”. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=98oLaQSTOJo&t=. Acesso em: 10 de julho de 2017.

[22] “Toda mulher gorda é feia, sem mais”. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=VHbZuf7geio&t=. Acesso em: 10 de julho de 2017.

[23] Este fenômeno pode ser observado no surgimento recente do conceito de *bullying* pelo alargamento das práticas consideradas sexualmente abusivas nos últimos anos (HACKING, 1999) ou pelo conceito de microagressão racial cujo desenvolvimento teórico é atribuído ao psicólogo norte-americano Derald W. Sue (2007).

[24] “Uma gorda incomoda muita gente”. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=pj999to27sk>. Acesso em: 4 ago. 2018.

Referências

ANSART, P. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. (Orgs.). *Memória e (res)sentimento – indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2004.

BROWN, W. *States of injury*. Princeton: Princeton University Press, 1995.

DAVIS, J. *Accounts of innocence: sexual abuse, trauma, and the self*. Chicago: Chicago University Press, 2005.

FASSIN, D.; RECHTMAN, R. *The empire of trauma*. Princeton: Princeton University Press, 2009.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1 – A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREIRE FILHO, J. O poder em si mesmo: jornalismo de autoajuda e a construção da autoestima. *Revista Famecos*, v. 18, n. 3, p. 117-745, 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/10379>>. Acesso em: 4 ago. 2018.

FUREDI, F. *Therapy culture: cultivating vulnerability in an uncertain age*. New

York: Routledge, 2004.

GOLDENBERG, M. (Org.). *O corpo como capital: gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

HACKING, I. *Rewriting the soul: multiple personality and the sciences of memory*. Princeton: Princeton University Press, 1995.

_____. *The social construction of what?* Cambridge: Harvard University Press, 1999.

HEWITT, J. *The myth of self-esteem: finding happiness and solving problems in America*. New York: St Martin's Press, 1998.

ILLOUZ, E. *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SANCHOTENE, N. *A verdade do corpo autêntico: da boa forma ao empoderamento em narrativas autobiográficas no YouTube*. Dissertação (Mestrado) – PPGCOM, UFRJ, Rio de Janeiro, 2018.

SARTI, C. A vítima como figura contemporânea. *Caderno CRH*, v. 24, n. 61, p. 51-61, 2011. Disponível em: < <https://bit.ly/2KrYQZa> >. Acesso em: 4 ago. 2018.

SIBILIA, P. Em busca da felicidade lipoaspirada: agruras da imperfeição carnal sob a moral da boa forma. In: FREIRE FILHO, J. (Org.) *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

SUE, D. *et al.* Racial microaggressions in everyday life: implications for clinical practice. *American Psychological Association*, v. 62, n. 4, 2007. Disponível em: < <https://bit.ly/2kaNmxx> >. Acesso em: 4 ago. 2018.

TAYLOR, C. *A ética da autenticidade*. São Paulo: É Realizações, 2010.

_____. *A secular age*. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

VAZ, P. Na distância do preconceituoso: narrativas de *bullying* por celebridades e a subjetividade contemporânea. *Galáxia*, n. 28, p. 32-44, 2014. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/download/19044/15732> >. Acesso em: 4 ago. 2018.

_____. *Vítima Virtual e Mídia*. Vigilância, Segurança e Controle Social na América Latina, Curitiba, 2009.

VIGARELLO, G. *As metamorfoses do gordo – história da obesidade no Ocidente. Da Idade Média ao século XX*. Petrópolis: Vozes, 2012.